

Lukács: historicidade e revolução¹

Sergio LESSA²

Abstract: one of the main moments of Lukács' rupture with the preceding ontologies is his original distinction between essence and phenomenon based on the peculiar relation of each one with the category of continuity. Doing so, Lukács could recover Marx's conception of the radical historicity of the human realm, grounding on an ontological basis the potentiality of the revolutionary subversion of our society.

Keywords: Ontology, Marxism, Lukács

/

Um dos artifícios ideológicos mais em voga, nos dias de crise em que vivemos, tem sido aquele de ajustar a essência humana aos parâmetros burgueses. Ser burguês e civilização apresentam-se como sinônimos: não há história para além do mercado e da democracia modernos. Com isso, a mentalidade predominante tornou-se impermeável às concepções de mundo que, afirmando a absoluta historicidade do ser e de suas categorias, postulam a superação da sociabilidade regida pelo capital. Também por isso, Marx e Lukács foram excluídos da agenda «modernizadora».

Não é necessário lembrar que essa linha de justificação da sociabilidade burguesa é tão antiga quanto o próprio capitalismo. Se, no período moderno clássico -- de Locke a Rousseau --, ela possuía um caráter revolucionário, hoje ela é fundamentalmente conservadora. Na última década, a sua tentativa mais significativa e melhor acabada é a *Teoria do Agir Comunicativo*, de Habermas. As dificuldades teóricas inerentes ao seu pressuposto fundante o conduzem a conceber as individualidades como portadoras de uma «disposição» (Habermas, 1988, p.42-3) que as lançariam ao encontro uma das outras, consubstanciando o «mundo da vida» (Habermas, 1988b, p.178-9). Essa «disposição dos sujeitos» para se lançarem transcendentalmente uns aos outros comparece em Habermas, para sermos breves, como uma laicizada alma individual. É o fundamento essencial do indivíduo humano, não decorrente da processualidade histórica, mas, antes, dado *ab aeterno* pela própria definição de ser humano. Ser humano é ser portador da razão comunicativa. É ela que torna possível a vida social; contudo, o que torna possível, o que fundamenta, qual a gênese dessa razão comunicativa, desse «mundo da vida»? Tal questão não é respondida. Coerente com a tradição kantiana-fenomenológica, Habermas interdita

¹ Publicado na Revista Idéias, ano 5, n.1, pp. 217-232, IFCH/UNICAMP, 1998.

² Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Membro das editorias das revistas *Crítica Marxista* e *Praxis*. Texto da comunicação

metodologicamente a questão acerca do fundamento ontológico desse «espaço transcendental». (Cf. Lessa, 1994 e 1994b)

Algo similar, pode ser encontrado nas teorizações de pensadores contemporâneos os mais diversos, de Claus Off a Claude Lefort, de J. Elster (1985) a J. E. Roemer (1988). No amplo leque teórico que eles balizam, o reconhecimento dos méritos do mercado e do capital, da democracia e do Estado, enquanto instrumentos positivos de regulamentação da vida social, tem por fundamento último a concepção de que a essência humana é mesquinha, competitiva, egoísta e concorrencial, de tal modo que a cotidianidade só pode ser, na hipótese mais civilizada, a luta democraticamente organizada dos indivíduos entre si. Tal como no período moderno, hoje em dia é comum liberdade e sociabilidade assumirem a mesma relação antinômica que preside a cisão do indivíduo burguês em *bourgeois* e *ci toyen*, na feliz expressão de Marx (1982).

No outro pólo, o do irracionalismo, o *Dasein* heideggeriano e a «derrelicção» da existência que lhe é peculiar, concebem a essência humana como uma *condition humaine* que em tudo constrange os indivíduos, sem ser fundada por suas ações. A crítica heideggeriana às raízes metafísicas do pensamento ocidental não consegue, tal como a crítica moderna à escolástica medieval, alcançar uma concepção radicalmente histórica de categorias tão decisivas como essência e fenômeno.

No contexto deste amplo espectro de vai de Habermas a Heidegger, passando pelos liberais ilustrados como Off e Lefort e pelo «marxismo» de Elster e Roemer, *mutatis mutandis*, a contrapartida necessária à concepção da essência humana enquanto «natureza» de algum modo a-histórica é considerar a esfera fenomênica como o *locus* da historicidade. Para Hegel, lembra Lukács, «/.../ a esfera do fenômeno, por causa dessa sua peculiar fisionomia nitidamente distinta da da essência, exatamente pela sua variedade, mobilidade, irrepetibilidade, mesmo fugacidade, é o verdadeiro terreno da historicidade na sua imediaticidade.» (Lukács, 1981, p. 374) Algo semelhante, ainda que com intensidades bastantes distintas nos diversos autores, pode ser encontrada tanto nos clássicos modernos como na ideologia dominante de nossos dias. Desenvolve-se, assim, entre esses pensadores, além da antinomia *bourgeois-ci toyen*, uma segunda esfera de tensões: sendo o fenômeno a essência que se mostra, e sendo a essência a-histórica, a historicidade do fenômeno só pode se constituir a partir de uma «queda» da essência ao se transformar em fenômeno. Essa queda conduziria a essência, do seu patamar a-histórico e necessário, para um nível inferior, imediato, fugaz, mutável e casual: o nível da historicidade. A

apresentada no Congrès Marx International, Universidade de Paris-X setembro/outubro

historicidade se converte em categoria que distingue o fenômeno da essência; ser histórico é ser fugaz e mutável, portanto é ser menos essencial, é ser menos ser. Enquanto categoria que faz a mediação da queda da essência ao fenômeno, a historicidade passa a jogar um papel ontológico negativo. Nesse contexto, não há como se conceber a historicidade enquanto categoria ontológica universal.

A essa concepção a-histórica da essencialidade humana Lukács, em sua obra póstuma *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*, se opõe frontalmente. E, também por isso, essa última reflexão de Lukács é imprescindível para a crítica revolucionária da sociabilidade contemporânea. Demonstrar a inexistência de qualquer limite a-histórico para a construção humano-genérica é uma batalha ideológica decisiva para a objetivação de uma sociabilidade emancipada. E, nesse campo, Lukács tem se revelado um pensador ímpar. Tomemos como exemplo dessa nossa afirmação os seus argumentos a favor da radical historicidade de duas categorias ontológicas centrais, as de essência e fenômeno.

//

Já no primeiro volume da *Ontologia*, ao tratar da relação entre os atos individuais e as tendências evolutivas globais do mundo dos homens, encontramos uma afirmação de Lukács que pode servir de ponto de partida à nossa reflexão: «para a dialética materialista, o fenômeno é sempre *algo que é* e não algo contraposto ao ser.» (Lukács, 1979, p. 84)³

Essas palavras demarcam uma ruptura decisiva com as antigas concepções que, de Platão a Hegel, concebiam a essência como portadora de um *quantum* maior de ser que o mundo fenomênico. A distinção entre essas duas esferas através de uma diferenciação do *quantum* de ser de cada uma inevitavelmente conduz a uma rígida, a-histórica, estruturação hierárquica entre elas. Nessa rígida hierarquia, a instância essencial mantém uma tal diferença qualitativa para com as determinações fenomênicas que, ao fim e ao cabo, exclui qualquer determinação daquela por esta, conduzindo assim à a-historicidade da essência.

Algo muito diferente é concebido por Lukács: ao afirmar que o fenômeno é «sempre *algo que é*, e não algo contraposto ao ser», postula terem essência e fenômeno o *mesmo* estatuto ontológico. Ambas as esferas, na concepção lukácsiana,

1995.

³- Exatamente no mesmo sentido, repete no segundo volume que «o mundo fenomênico é parte existente da realidade social.» (Lukács, 1981, p. 92)

são portadoras de ser, e a distinção entre elas decorre, como veremos a seguir, da peculiar relação que cada uma das esferas mantém com a categoria da continuidade.

O que agora nos interessa, para delimitar com clareza a ruptura de Lukács com o pensamento tradicional, é que, segundo o filósofo húngaro, não apenas há uma esfera de determinações da essência sobre os fenômenos, como também há uma outra através da qual os fenômenos são decisivos para o desenvolvimento das determinações essenciais. Após Marx, Lukács concebe a objetividade enquanto «síntese de múltiplas determinações» na qual todo e qualquer elemento, com as mediações devidas em cada caso, se articula numa relação de determinação reflexiva com a totalidade do ser-precisamente-assim existente. Insiste Lukács que, «no ser social// o mundo dos fenômenos não pode de modo algum ser considerado um simples produto passivo do desenvolvimento da essência, mas que, pelo contrário, exatamente tal inter-relação entre essência e fenômeno constitui um dos mais importantes fundamentos reais da desigualdade e da contraditoriedade no desenvolvimento social.»(Lukács,1981,p.472) Seria extrema superficialidade não reconhecer que a relação essência-fenômeno exerce um «influxo decisivo sobre o progresso objetivamente necessário da essência». (Lukács,1979,p.124-5)

Em poucas palavras, a postulação da historicidade da essência por Lukács resulta, imediatamente, no reconhecimento de momentos de determinação da essência pelo fenômeno como uma das insuperáveis instâncias de contraditoriedade do ser-precisamente-assim existente. Fenômeno e essência, radicalmente históricos, compõem uma complexa relação de determinações reflexivas «que de modo diverso nas diversas épocas e nos diversos campos continuamente volta a se manifestar»(Lukács,1981,p.319). No mundo dos homens -- veremos a seguir que essas considerações mantêm, no fundamental, sua validade também para a natureza -- essa ação do fenômeno sobre a essência se manifesta, da forma mais evidente e imediata, no fato de que, como o «progresso é indissolúvelmente ligado ao progresso das faculdades humanas, também para o progresso puramente objetivo, categorial, não pode ser indiferente o tipo de mundo fenomênico que ele produz, ou seja, se se trata de um mundo deformado ou adequado.» (Lukács,1979,p. 125)

Sendo breve, e para passarmos logo ao cerne da questão, como o fundamento imediato e ineliminável da história humana são os atos teleologicamente postos dos indivíduos singulares, o mundo fenomênico consubstancia a base real para o desdobramento dos atos singulares que estão na gênese tanto dos traços fenomênicos de uma dada sociabilidade, como também dos seus traços essenciais (Cf. Lukács,1981,p.364). O fato de aqui intervirem incontáveis mediações (cuja totalidade Lukács denominou de reprodução social), somado a que não raramente o fenômeno vela a essência (fetichismo da mercadoria, p. ex.), complexifica o

problema, mas não altera a sua essência. Para nosso filósofo, em suma, os traços essenciais e fenomênicos, «no plano do ser e da mesma maneira, são produtos das mesmas posições teleológicas. /.../ A dialética ontológica entre essência e fenômeno seria impossível se eles não surgissem de uma tal gênese fundamentalmente unitária e se esta unitariedade não fosse dinamicamente conservada»(Lukács,1981,p. 369).

///

Dado que, segundo Lukács, essência e fenômeno exibem o mesmo estatuto ontológico, quais as diferenças que se interpõem entre eles? Por que, nesse complexo, o momento predominante corresponde à essência?

Se referindo à esfera da economia, lembra Lukács que «todo objeto é por sua essência um complexo processual»; contudo, freqüentemente «no mundo fenomênico» ele se apresenta como «um objeto estático, solidamente definitivo». Quando isso ocorre, «o fenômeno /.../ se torna fenômeno exatamente fazendo desaparecer, na imediaticidade, o processo ao qual deve a sua existência de fenômeno. E é de enorme importância social esse modo de se apresentar da essência /.../»(Lukács,1981,p.357) pois, entre outras coisas, está na raiz das alienações⁴ contemporâneas.

Por exemplo, continua nosso autor, com o surgimento do dinheiro como equivalente geral de todos os valores, a forma geral do valor se converteu na forma dinheiro. Desse modo, fundante e fundado, na imediaticidade fenomênica, se invertem, demonstrando, com «/.../ nítida evidência», como a «gênese econômica real da essência contrasta fortemente com a opacidade fetichizante, freqüentemente mítica, do mundo fenomênico que lhe corresponde».(Lukács,1981,p. 357)

Algo semelhante pode ser encontrado quando o capital é considerado como fonte da riqueza. O velamento do trabalho enquanto fonte social de riqueza constitui «/.../ aquele mundo fenomênico capitalista no qual a mais-valia desaparece completamente por trás do lucro e no qual a conseqüente reificação, que deforma a essência do processo, torna-se a sólida base real de toda *praxis* capitalista.»(Lukács,1981,p.359) Uma vez mais, nos deparamos «/.../ com um mundo fenomênico criado pela dialética própria da produção econômica, /.../ que,, no seu ser-precisamente-assim,, é realidade, não aparência».(Lukács,1981,p.359-60) Não há necessidade em se repetir que o fenomênico que emerge desse processo de alienação,

⁴- Entre os estudiosos de Lukács no Brasil, há divergências sobre a melhor tradução de *Entfremdung*. Neste texto, por uma questão de maior clareza, optamos por traduzí-lo por alienação; outros prefeririam estranhamento.

ainda que falsificador e velador das relações essências, é tão real quanto a própria sociedade. (Lukács,1981,p.360)

A gênese e o desenvolvimento das processualidades alienantes é um exemplo dramático de como «a esfera da essência se desenvolve independentemente da vontade e das intenções dos seus produtores». Não que as determinações essenciais possam vir a ser, se reproduzir e operar na história por outra mediação que não os atos humanos. A esfera da essência -- afirma Lukács -- «é certamente movida por posições teleológicas, só que os seus efeitos causais, justamente porque podem surgir apenas na seqüência a tais posições, se destacam das intenções dos que as põe de modo qualitativamente diverso, mais radical, daquilo que se verifica» na esfera fenomênica (Lukács,1981,p.474). Após se referir às tendências histórico-gerais de queda do tempo socialmente necessário para a reprodução da vida, de afastamento das barreiras naturais, de crescente sociabilização do mundo dos homens, etc., independente dos indivíduos assim o desejarem, ou sequer terem consciência, lembra Lukács que «A essência /.../ surge independentemente das finalidades conscientes contidas nos atos teleológicos, é em si -- com todas as suas desigualdades -- um processo ontológico objetivamente necessário, cujo caminho, direção, ritmo, etc. nada tem em comum com uma teleologia objetiva.»(Lukács,1981,p.474)

Salientemos que a «independência» a que Lukács se refere tem por escopo o conteúdo «das finalidades conscientes contida nos atos teleológicos», e não os atos teleológicos enquanto tais. A essência e o fenômeno são fundados pelos atos humanos -- ainda que, não raro, ao agir cotidianamente os indivíduos tenham por horizonte da consciência apenas o fenomênico. Contudo, como o real é a síntese de essência e fenômeno a cada momento histórico, mesmo quando se age visando apenas o escopo dos fenômenos são desencadeadas séries causais que, modificando o real, incidem também sobre a essência, possibilitando assim a gênese de tendências evolutivas sócio-genéricas não necessariamente presentes nas consciências dos indivíduos.

Esperamos que essas brevíssimas indicações sejam suficientes para sinalizar como, em Lukács, o reconhecimento de que o desenvolvimento da essência pode independe das intenções e das vontades presentes nos atos singulares, não significa que seja ela uma «necessidade fatal, que a tudo determina antecipadamente»(Lukács,1981,p.475). Se consideramos o processo histórico em sua globalidade, afirma, «surge claro como o movimento da essência /.../ é a base de todo o ser social, mas base aqui quer dizer: possibilidade objetiva». A cada momento histórico, a cada desenvolvimento das forças produtivas, a cada evolução da essência das formações sociais, a reprodução da sua vida material «faz continuamente surgir novas constelações reais das quais deriva o único campo de manobra real a cada vez existente para a praxis»(Lukács,1981,p.475). Trocando em

miúdos, «O âmbito dos conteúdos que os homens nessa praxis podem se pôr como fim é determinado -- enquanto horizonte -- por tal necessidade do desenvolvimento da essência, mas exatamente enquanto horizonte, enquanto campo de manobra para as posições teleológicas reais nele possíveis, não como determinismo geral, inelutável de todo conteúdo prático»(Lukács,1981,p.475). Nessa exata medida e sentido, em Lukács, «/.../ a essência se apresenta ontologicamente como o momento predominante da interação»(Lukács,1981,p.364 e p.375) entre essência e fenômeno. Ela é portadora de um *quantum* de necessidade maior que a esfera fenomênica, ela consubstancia o horizonte de possibilidades a cada momento histórico.

Não é necessário insistir em como é evidente a ruptura de Lukács com as ontologias tradicionais ao ele conceber a essência enquanto horizonte histórico de possibilidades para o agir humano. Já que as possibilidades historicamente dadas são construtos humano-sociais, quando se age sobre elas, modificando-as, são alteradas também, com as mediações as mais diversas, as próprias determinações essenciais. A historicidade é incorporada como categoria imanente à essência.

Contudo, sob pena de falsificar profundamente o pensamento de Lukács, há que se evitar qualquer rigidez e transformar essas considerações numa, digamos assim, estrutura fixa, na qual a necessidade estaria puramente representada na essência e, a casualidade, no fenomênico. Em sua ontologia, a relação entre essência e fenômeno tem seu fundamento no fato de que as determinações essenciais, por serem históricas, apenas podem se objetivar ao longo do tempo através de processos de particularização, os quais consubstanciam o solo ontológico da gênese dos momentos fenomênicos. A relativa autonomia do fenômeno frente à essência decorre do fato de o desenvolvimento ontológico exibir necessariamente desigualdades. Ele se consubstancia enquanto um complexo processo de particularização dos traços essenciais e de generalização em essências dos eventos singulares. Por isso, sem os fenômenos a essencialidade jamais poderia alcançar a uma plena explicitação categorial -- a rigor, não poderia sequer existir. E é a isso que nosso filósofo se refere ao afirmar que a relação ontológica entre os dois «se concretiza pelo fato que do ser deve necessariamente emergir o fenômeno». (Lukács,1981,p.364-5)

Se o fenômeno e a essência não se distinguem por um *quantum* de ser, conclui Lukács que, «Em sentido ontológico rigoroso, o fenômeno não é a forma da essência, assim como esta última não é simplesmente seu conteúdo. Quaisquer desses complexos é, no plano ontológico, por sua natureza a forma do próprio conteúdo e, conseqüentemente, a sua ligação é aquela de duas relações forma-conteúdo homogêneas.»(Lukács,1981,p.365)

Sumariemos o percurso de Lukács até aqui: essência e fenômeno se diferenciam, portanto, pelo maior *quantum* de necessidade da primeira frente ao segundo -- mas esta diferenciação decorre, não porque o ser estaria mais presente na essência, como concebem as ontologias tradicionais, mas devido ao fato de o desenvolvimento histórico, em sua imanente processualidade, desdobrar desigualdades que, no plano do ser, correspondem às esferas fenomênica e essencial. A explicitação categorial das determinações essenciais é um processo histórico cuja particularização necessária e insuperavelmente consubstancia a esfera fenomênica.

Vejamos como essa *démarche* lukácsiana exhibe conseqüências inesperadas.

IV

Vimos que, por serem portadora de mais necessidade que o fenômeno, nem por isso as determinações essenciais deixam de ser permeadas pelo acaso e, também, nem por isso possuem um estatuto ontológico privilegiado frente ao fenomênico.

É análogo o procedimento de Lukács ao tratar da relação entre essência-universalidade e fenômeno-singularidade. Argumenta ele que, do «fato de haver um predomínio da generalidade na essência, enquanto no fenômeno se verifica um movimento para a singularidade e a particularidade, seria superficial tirar a conclusão que em tal relação estaria claramente expressa a verdadeira relação da essência com o seu fenômeno.» «Acima de tudo» porque toda essência e todo fenômeno «é sempre concomitantemente um objeto geral e singular.» (Lukács, 1981, p. 370-1). Lembremos que, para nosso autor, universalidade, particularidade e singularidade são «determinações reflexivas /.../ /que/ comparecem em toda constelação concreta de modo simultâneo e bipolar» (Lukács, 1981, p. 370-1). Lukács tanto se distingue, neste aspecto, do empirismo ou do naturalismo marxista vulgar, que concebem «os traços de continuidade, gerais, do processo simplesmente como generalizações ideais de uma realidade sempre irrepetível na sua concretude»; como também do idealismo, que confere à generalidade «um ser 'superior' independente da realização, que por força das coisas é sempre irrepetível.» (vol II; pg. 370) Segundo Lukács, as diferenças que se interpõem entre o genérico, o singular e o particular são decorrentes das imanentes desigualdades de toda processualidade -- e não de uma distinção de estatuto ontológico entre eles.

Portanto, para Lukács, o que distingue essência e fenômeno, não é nem uma diferença de estatuto ontológico, nem que o primeiro seria o *LOCUS* da necessidade absoluta e, o segundo, do puro acaso; nem sequer o fato de um consubstanciar o universal e o outro o singular (pois ambos, enquanto totalidades processuais, são também universais e singulares). Segundo ele, «Aquilo que ontologicamente os separa

nesta insuperável unidade objetiva do processo, aquilo que faz de um a essência e de outro o fenômeno, é o modo de se relacionar com o processo». Apenas e tão somente no interior da processualidade é possível a distinção entre essência e fenômeno -- o que significa, para o filósofo húngaro, abrir mão de qualquer chave lógico-metodológica para distinguir entre eles. Essência e fenômeno são momentos distintos e igualmente existentes do processo em sua imanente unitariedade. A essência se consubstancia «na sua /do processo/ continuidade complexiva» e, a esfera fenomênica, «no seu concreto *hic et nunc* histórico-social». (Lukács,1981,p.370) O que as distingue, para sermos breves, é o fato de as determinações essenciais consubstanciarem os traço de continuidade da unitariedade última do processo, enquanto seus traços fenomênicos são os responsáveis pelas particularizações que fazem de cada momento do processo um instante único, singular. Nessa exata medida, a essência é concebida por Lukács, como a «duração na mudança» (Lukács,1981,p.373), como «continuidade tendencial última» (Lukács,1981,p.375). Ao se referir à essência da individualidade, utiliza a expressão «a substância que se conserva na continuidade do processo»(Lukács,1981,p.412).

Lukács, como em tantos outros momentos decisivos de sua ontologia, delinea também aqui um *tertium datur*. Por um lado, recusa «o preconceito idealista segundo o qual a unicidade, a multiforme particularidade dos objetos da história, de que é constituído o mundo fenomênico mesmo no campo da economia, seria algo de definitivo no plano do ser /.../, fundado somente em si mesmo.»(Lukács,1981,p.375) Por outro lado, rompe também com o pólo oposto do «materialismo vulgar (mesmo quando se autodefine marxista) /.../ segundo o qual todo momento singular do mundo fenomênico seria um efeito direto, mecânico, da essência, de cuja legalidade ele seria dedutível em termos simplesmente causais, mesmo quanto à sua unicidade.»(vol II; pg. 375) Lukács, ao longo de todo manuscrito de *Per una Ontologia ...* não se cansa de argumentar, pelos aspectos os mais diversos, ser «impossível que as leis da essência determinem de modo direto, com causalidade retilínea, os momentos singulares do mundo fenomênico e as suas concatenações causais imanentes. Nas suas interações com o mundo fenomênico, a essência produz neste último campos 'livres', cuja liberdade é possível apenas no interior da legalidade do campo.»(Lukács,1981,p.376)

V

A ontologia lukácsiana é voltada fundamentalmente ao ser social. As preocupações de Lukács se voltam para o mundo dos homens, e as categorias sócio-genéricas são aquelas que formam o horizonte de investigação do filósofo húngaro. Contudo, como o mundo dos homens apenas pode existir em uma insuperável articulação com a natureza, em não poucos momentos a investigação de Lukács se transforma em uma *philosophia universalis*, em uma ontologia geral. Acreditamos ser as considerações do filósofo húngaro acerca das esferas do fenômeno e da essência, aqui introdutoriamente sistematizadas, um desses momentos.

Contudo, para sermos minimamente fiéis ao seu pensamento, é indispensável ao menos assinalar (é impossível no espaço desta conclusão explorar esse aspecto) que, segundo Lukács, a diferença ontológica entre o ser social e a natureza termina por introduzir distinções qualitativas na atuação do complexo essência-fenômeno. Fundamentalmente, essa diferença tem suas raízes em que «o mundo fenomênico do ser social constitui o fator através do qual é colocado em movimento a maior parte das posições teleológicas que dele determinam imediatamente a estrutura e o desenvolvimento, assumindo assim /o mundo fenomênico/ também uma parte importante na dialética objetiva de fenômeno e essência». (Lukács, 1981, p.355) Sendo muito breve, a inexistência de atos teleologicamente postos nos processos naturais faz com que estes sejam incapazes de desdobrar qualquer consciência para-si. Por isso, na natureza a relação essência-fenômeno é muito menos complexa. A ação de retorno do fenômeno sobre a essência é muito mais pontual, limitada e possui uma significação mais restrita do que no mundo dos homens. Predomina na natureza -- ao contrário do que ocorre no ser social -- esta «indiferença» para com a forma com que a essência transpassa em fenômeno em cada momento particular. Mesmo assim, contudo, no desenvolvimento das processualidades inorgânicas ou biológicas, as particularidades fenomênicas não são completamente desprezível para o desdobramento da essência.

Postas essas distinções básicas entre o mundo dos homens e a natureza, o fundamental do que afirmamos acerca da relação essência-fenômeno com a categoria da continuidade continua válido: também na natureza, a distinção de ser entre esses dois momentos processuais tem por referência básica a categoria da continuidade. Também na natureza, a essencialidade é a esfera portadora dos traços de continuidade e, o fenomênico, dos traços de particularização de cada um dos momentos do processo enquanto singularidades. Também na natureza, essência e fenômeno são categorias radicalmente históricas.

Conceber como radicalmente históricos a essência e o fenômeno permite a Lukács a recuperação de Marx no que ele tem de mais essencial: a afirmação de que os homens são os demiurgos de sua própria história, ainda que em circunstâncias que não escolheram. A essência humana é objetivada pelas mesmas mediações que geram a esfera fenomênica, qual seja, os infindáveis atos cotidianos dos indivíduos e a generalização dos mesmos que é o cerne do processo de reprodução social. Tal como o fenômeno, a essência só pode existir sendo gerada e reproduzida cotidianamente em cada um dos atos dos indivíduos singulares. Não há dimensão da existência humana que não seja fruto predominante das ações humanas -- mesmo aqueles traços mais genéricos de continuidade que articulam em uma única história a vida do homem mais primitivo com as sociabilidades mais complexas.

Tal concepção ontológica radicalmente histórica particulariza Lukács no debate contemporâneo. Recusa *in limine* todas as tentativas, de qualquer vertente, de fundamentar a racionalidade da sociedade capitalista a partir do pressuposto, velado ou explícito, sutil ou rústico, de uma natureza humana que seria dada de uma vez para sempre. Recusa *in limine* qualquer natureza humana que não seja, ela também, em sua totalidade, produto do agir humano-social.

Isto posto, podemos vislumbrar qual a motivação de Lukács, em pleno século XX, de se dedicar à ontologia, um campo de investigação julgado anacrônico pelo senso comum filosófico dos nossos dias: é a ontologia o terreno decisivo para se contrapor às teorias contemporâneas que, de um modo ou de outro, tentam fundamentar a impossibilidade da subversão revolucionária da ordem burguesa. Todas elas, *mutatis mutandis*, justificam a sociabilidade contemporânea fazendo coincidir os horizontes do possível com os limites da sociedade burguesa; e, para tanto, não têm outra alternativa senão afirmar a a-historicidade de, pelo menos, alguns dos traços essenciais do ser humano.

Em suma, para Lukács, «A tese geral do marxismo segundo a qual os homens, ainda que em circunstâncias não escolhidas por ele, seja como for fazem por si a própria história, vale /.../ não apenas para a humanidade no seu conjunto e não apenas para os complexos sociais que a formam, mas também para a vida de cada indivíduo». (Lukács, 1981, p. 412) As ressonâncias éticas destas palavras são evidentes -- Lukács pensou sua ontologia como preparatória a um tratado sobre a ética que não chegou a escrever. Nos dias em que vivemos, a absoluta historicidade do ser, tal como proposta por Lukács, é uma recuperação radical do caráter revolucionário do pensamento de Marx.

Nesse preciso sentido, a concepção ontológica radicalmente histórica, inaugurada por Marx e herdada neste século principalmente por Gramsci e Lukács, uma

vez mais exhibe o seu potencial revolucionário: à medida em que não há nenhum limite ao desenvolvimento humano-genérico senão aquele construído pelos próprios homens, a forma burguesa de sociabilidade não é necessariamente a última da história. A essência humana não tem, necessariamente, que coincidir com os limites do capital. Deste modo, fica fundamentada ontologicamente a possibilidade (que não significa imediaticidade prática) da subversão revolucionária da ordem capitalista.

Referências Bibliográficas

- HABERMAS, J. *Teoría de la Acción Comunicativa*. vol I, Ed. Taurus, Madri. 1988
- HABERMAS, J. *Teoría de la Acción Comunicativa*. vol II, Ed. Taurus, Madri. 1988b
- LESSA, S. Sociabilidade e Individuação - a categoria da reprodução na ontologia de G. Lukács. Dissertação de Mestrado, Dept. de Filosofia, UFMG. 1990
- LESSA, S. A centralidade do trabalho na ontologia de Lukács. Tese de doutoramento, IFCH-UNICAMP 1994
- LESSA, S. Habermas e o Mundo da Vida. Rev. Serviço Social e Sociedade, nº46, Ed. 1994b Cortez, São Paulo.
- LESSA, S. Reprodução e Ontologia em Lukács. *Trans/forma/ção*, UNESP, 17:63-79. 1994c
- MARX, K. *La question juive*. Ouvres II, Bibliothèque de la Pléiade, Ed.1994c 1982 Gallimard, Paris.
- LUKÁCS, G. *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*, vol I, Ed. Riuniti, Roma, 1976
- LUKÁCS, G. *Os Principios Ontológicos Fundamentais de Marx*, trad. Carlos N. 1979 Coutinho, Ed. Ciências Humanas, São Paulo.
- LUKÁCS, G. *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*, vol II, Ed. Riuniti, Roma, 1981
- LUKÁCS, G. *Prolegomeni all'Ontologia dell'Essere Sociale*. Guerini e Associati, Nápoles 1990
- ELSTER, J. *Making Sense of Marx*. Cambridge University Press, Cambridge. 1985
- ROEMER, J. E. *A General Theory of Exploitation and Class*. Cambridge, 1982 Massachusetts.
- ROEMER, J. E. *Free to Lose: An Introduction to Marxist Economic Philosophy*. 1988 Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts .